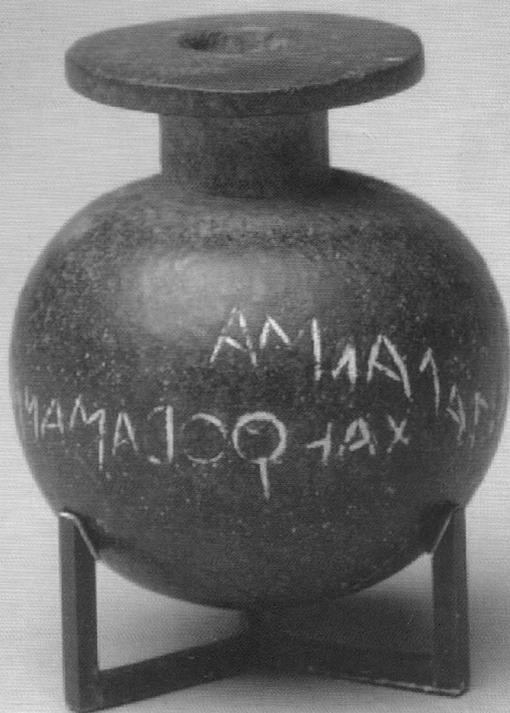


# ÁGALMA

Ofrenda desde la Filología Clásica a  
Manuel García Teijeiro



Universidad de Valladolid

Ángel Martínez Fernández, Begoña Ortega Villaro,  
Henar Velasco López, Henar Zamora Salamanca

(Editores)

# ÁGALMA

Ofrenda desde la Filología Clásica a  
Manuel García Teijeiro



EDICIONES  
Universidad  
Valladolid

## 'HIPÓMANES': UM LUGAR-COMUM DA MAGIA ERÓTICA LITERÁRIA

CLÁUDIA CRAVO  
Universidade de Coimbra  
claudiacravo@hotmail.com

**ABSTRACT:** The purpose of this article is to present and to discuss the great difficulties around *hippomanes*, the ancient writers' favorite aphrodisiac ingredient. Applied to various distinct substances – a plant, a growth on the forehead of the newborn foal, and a secretion from a mare– the dazzling term is a commonplace of literary erotic magic.

**KEY WORDS:** *Hippomanes*. Aphrodisiacs. Literary love magic. Sexual desire. Ancient Greek and Roman literature.

### 1. INTRODUÇÃO

Quando, há alguns anos atrás, pela mão sapientíssima do Professor Doutor Manuel García Teijeiro, fui introduzida no universo da magia grega antiga, houve um vocábulo que, desde logo, me suscitou especial curiosidade. Refiro-me a ἵππομανές (*hippomanes*, em latim; 'hipómanes', em português). Se há substância afrodisíaca à qual os autores antigos aludem com frequência, essa é sem dúvida o hipómanes. A minha atracção por este termo deveu-se, precisamente, às suas numerosas referências e à sua extraordinária expressividade, mas também –e sobretudo– à constatação de que os testemunhos antigos não se entendiam quanto à natureza da realidade assim designada. A juntar a tudo isto, depressa verifiquei que são muito poucos os estudiosos modernos que dedicam mais de duas ou três linhas de comentário a este lugar-comum da magia erótica literária<sup>1</sup>.

Que o vocábulo em causa está relacionado com um animal (o cavalo: ἵππος) e com um qualquer estado de alienação mental (μαίνομαι), a etimologia não deixa dúvidas. Que estamos perante um ingrediente de grande poder afrodisíaco, muito utilizado em práticas de magia amorosa, disso também nenhum autor antigo parece duvidar. Mas estes são os únicos pontos em que as fontes se mostram concordantes, pois quando se trata de especificar, objectivamente, que tipo de substância é o hipómanes, as versões são muito diferentes e passam por entendê-

<sup>1</sup> São excepções dignas de nota os estudos de TUPET, A. M., *La Magie dans la Poésie Latine. Des origines à la fin du règne d'Auguste*, Paris 1976, especialmente 79-81 e de OGDEN, D., *Magic, Witchcraft, and Ghosts in the Greek and Roman Worlds*, Oxford 2002, 242-243.

lo como uma planta, como uma excrescência que os potros possuiriam à nascença ou como o líquido genital das éguas na altura do cio.

## 2. HIPÓMANES VEGETAL

No seu comentário a Verg. G. 3.280, Sérvio faz-nos saber da existência de um passo de Hesíodo (*Fr.* 350 Merkelbach-West) que conteria uma alusão ao hipómanes: *scit lectum esse apud Hesiodum, herbam esse quandam, quae hippomanes uocatur, quasi ἵππου μανία: si enim eam comederint equi, furore quatiuntur.* Nesta que é a mais antiga referência ao hipómanes de que há conhecimento, ele aparece descrito como um vegetal, mais especificamente como uma planta que provocaria desvarios frenéticos nos cavalos, após ingestão.

No Idílio 2 de Teócrito, ἵππομανές também é uma planta. Simeta, a protagonista do poema, recorre às artes mágicas na tentativa de recuperar a afeição de Délfis, um atleta com quem manteve um relacionamento amoroso e por quem é ignorada há já onze dias. Nos vv. 48-51, em plena cerimónia mágica, a jovem expressa o seu desejo de que Délfis vá até sua casa, completamente enlouquecido de amor, tal como as éguas enlouquecem nas montanhas da Arcádia sob a influência de uma planta de nome ἵππομανές:

ἵππομανές φυτόν ἐστι παρ' Ἀρκάσι, τῷ δ' ἔπι πᾶσαι  
καὶ πῶλοι μαίνονται ἀν' ὄρεα καὶ θοαὶ ἵπποι·  
ὡς καὶ Δέλφιν ἴδοιμι, καὶ ἐς τόδε δῶμα περάσαι  
μαινομένῳ ἵκελος λιπαρᾶς ἔκτοσθε παλαίστρας.

Nenhum dos dois passos citados é minimamente elucidativo quanto à natureza do hipómanes vegetal. Apenas atestam a sua existência, a sua capacidade de fazer enlouquecer os equídeos e, no caso do texto teocritiano, o local onde o hipómanes pode ser encontrado.

Raros são os outros testemunhos antigos que entendem o hipómanes como uma substância vegetal e também eles não nos permitem ir muito longe na descrição da planta assim denominada. Se não, vejamos: ao referir as plantas que abundam na Arcádia, Teofrasto (*HP* 9.15.6) menciona o eufórbio (τιθύμαλλος) que, segundo ele, fornece o ἵπποφαές, mas o texto aqui não é seguro. A cremos num escólio<sup>2</sup> ao texto de Teócrito acima citado, Cratevas teria afirmado que a planta chamada 'hipómanes' produzia um fruto semelhante ao do pepino selvagem (σίκυος ἄγριος), embora a sua folhagem fosse mais escura. Já para Dioscórides (2.173), este é outro nome que se dá à alcaparra (κάππαρις· οἱ δὲ ... ἵππομανές — καλοῦσι). Cf. [Dsc.] 4.80: ἀπόκυνον· οἱ δὲ κύναγχον, ... οἱ δὲ ἵππομανές.

<sup>2</sup> Sch. KEA aos vv. 48-49b, em WENDEL, C., *Scholia in Theocritum Vetera*, Stuttgart 1914.

Como se pode facilmente verificar, os textos antigos não coincidem quanto à natureza exacta do hipómanes vegetal. Gow<sup>3</sup>, no seu comentário ao v. 48 do Idílio 2 de Teócrito, sugere muito oportunamente, a esse respeito, que «it would seem to be connected with some plant having a more or less milky juice, but that is perhaps as far as the evidence permits us to go».

No estudo que dedicou às plantas presentes na obra de Teócrito, Suzanne Amigues<sup>4</sup> defende a identificação da planta mencionada por Simeta com a *euphorbia rigida* (ou *biglandulosa*) que ainda hoje abunda na Arcádia, mais concretamente na região de Tégea. A tese de Amigues é muito ousada e, em geral, pouco sustentada, até porque tem como base o passo de Teofrasto, que é, como vimos, pouco seguro. Ainda assim, tem o mérito de registar algumas hipóteses bastante válidas, que passarei agora a enumerar: retomando, em parte, a ideia de Gow, a estudiosa lembra que as plantas que a maioria dos autores identificam com o hipómanes contêm um suco leitoso e cáustico; esta causticidade teria contribuído para a reputação que o vegetal auferia junto das feiticeiras, pois as drogas acres eram (e são) vistas como estimulantes do desejo sexual; por outro lado, a semelhança desta seiva com o fluido que escorre das éguas com cio bastaria para justificar o nome da planta.

Pese embora não passem de conjecturas, estas ideias afiguram-se-me muito aceitáveis, até porque actualmente 'hipómanes' é o nome de uma espécie de plantas que se caracterizam por segregar um látex acre e venenoso. Da família das euforbiáceas, esta espécie de plantas engloba várias subespécies, a mais popular das quais é a chamada 'mancenilha' (ou 'mancinela'), muito comum nas Antilhas. Também conhecida por 'árvore-da-morte', esta planta produz um fruto tóxico<sup>5</sup> e o suco leitoso que se extrai do seu tronco é extremamente cáustico e particularmente irritante para a pele e para os olhos. É curioso verificar que esta planta é, hoje em dia, muito utilizada em tratamentos homeopáticos –sob a forma de comprimidos, xaropes, pomadas, loções, talcos, etc., especialmente como remédio contra diversos estados de perturbação mental.

### 3. 'HIPÓMANES-EXCRESCÊNCIA'

Um escólio ao Idílio 2 de Teócrito<sup>6</sup> acredita que a identificação do hipómanes com uma planta não passa de um erro do poeta:

<sup>3</sup> Gow, A. S. F., *Theocritus*, Cambridge 1952<sup>2</sup>, vol. II, 45.

<sup>4</sup> AMIGUES, S., «De la botanique à la poésie dans les *Idylles* de Théocrite», REG 109, 1996, 467-488.

<sup>5</sup> Vid. em: [http://www.seabeans.com/guide/Hippomane\\_mancinella/](http://www.seabeans.com/guide/Hippomane_mancinella/) (consultado em 30 de Maio de 2012) uma excelente imagem do fruto da mancenilha. É de salientar a sua aparência rugosa e assimétrica, muito semelhante a um tumor.

<sup>6</sup> Sch. KEA aos vv. 48-49a, em WENDEL, C., l.c.

οὔτε φυτόν ἐστιν οὔτ' ἐν Ἀρκαδίᾳ γινόμενον, ἀλλὰ τὸ ἐπιφυόμενον τοῖς πώλοις κατὰ τὴν γένεσιν ἐπὶ τοῦ μετώπου σαρκίον, ὅπερ συντελεῖ πρὸς φίλτρα, ὡς Ἀριστοτέλης καὶ Θεόφραστος.

Deixando de parte a estranheza do comentário, escrito por quem, inexplicavelmente, desconhecia por completo a acepção de hipómanes enquanto vegetal, a verdade é que ele sugere que este sentido do termo teria menos divulgação e que, pelo contrário, o hipómanes enquanto excrescência seria a versão mais difundida da palavra.

O escoliasta remete para Aristóteles e para Teofrasto como provas de que o hipómanes seria uma excrescência. De facto, os dois autores antigos (entre muitos outros) atestaram este sentido para o vocábulo em causa. De Teofrasto, a esse respeito, chegou-nos apenas uma linha de texto: Καὶ ἡ ἵππος ἀπεσθίει τῶν πῶλων τὸ ἵππομανές· καὶ γὰρ τοῦτο πρὸς ἔνια χρήσιμον<sup>7</sup>.

Aristóteles, na sua *História dos Animais*, fornece larga informação sobre o hipómanes enquanto substância de origem animal utilizada nos rituais de magia erótica. Em 572a, começa por explicar que era comum chamar-se ἵππομανές a uma protuberância que se dizia existir na fronte dos potros recém-nascidos. Mais à frente, em 577a, Aristóteles retoma este assunto para acrescentar alguns detalhes importantes:

ἔστι δὲ τὸ μέγεθος ἔλαττον μικρῶ ἰσχάδος, τὴν δ' ἰδέαν πλατύ, περιφερές, μέλαν. τοῦτο δ' εἴαν τις φθῆ λαβῶν καὶ ὄσφρηται ἡ ἵππος, ἐξίσταται καὶ μαίνεται πρὸς τὴν ὀσμήν· διὸ καὶ τοῦτο αἰ φαρμακίδες ζητοῦσι καὶ συλλέγουσιν.

A crermos nesta passagem, o hipómanes entendido como excrescência é uma massa redonda, negra e mais ou menos do tamanho de um pequeno figo seco; a égua devora essa massa imediatamente após o parto; se alguém se apodera dela antes da própria mãe, o animal fica como louco ao sentir o seu odor; e, por esse motivo, a tal intumescência é muito procurada pelas feiticeiras.

Em 605a, Aristóteles volta a referir-se ao hipómanes como uma excrescência que as éguas arrancam da testa dos potros acabados de nascer, mas introduz aqui uma nota curiosa a este respeito: τὰ δὲ ἐπιμυθεύομενα πέπλασται μᾶλλον ὑπὸ γυναικῶν καὶ τῶν περὶ τὰς ἐπωδάς. Assim, em sua opinião, circulariam sobre o assunto histórias que teriam sido forjadas, em proveito próprio, por mulheres ligadas às artes mágicas.

O sentido de 'hipómanes-excrescência' é posteriormente mencionado por vários autores que, na maioria das vezes, deixam o seu cunho pessoal nas definições que apresentam.

<sup>7</sup> Fr. 175 Wimmer.

Não assim Plínio-o-Antigo, que, na sua *História Natural* (8.165), se limita a seguir de perto a explicação proposta por Aristóteles:

*equis amoris innasci ueneficium, hippomanes appellatum, in fronte, caricae magnitudine, colore nigro, quod statim edito partu deorat feta, aut partum ad ubera non admittit. Si quis praereptum habeat, olfactu in rabiem id genus agitur.*

Eliano, nos dois passos da sua obra *Sobre as Características dos Animais* em que alude ao hipómanes, interpreta-o como sendo uma excrescência 'de carne'<sup>8</sup>. Em 3.17, ao pretender justificar a existência de φθόνος no mundo animal, Eliano refere, como exemplo, o acto de a égua devorar o hipómanes no momento em que o filho nasce. Nas suas palavras –e este é um detalhe curioso– a égua sabe que, com nascimento de uma cria, está a produzir filtros de amor: ἵγυγας δὲ ἐρωτικὰς τῷ πῶλῳ συντίκτουσα ἵππος οἶδε.

Mais à frente, em 14.18, Eliano dedica largas linhas a comentar o enorme poder afrodisíaco do hipómanes enquanto excrescência carnosa. Embora todo o texto seja relevante, limito-me a transcrever o seu início, que contém uma informação muitíssimo pertinente e pouco ou nada divulgada:

Ἴππος ὅταν τέκη, τοῦ βρέφους ἐκπεφυκυῖαν σάρκα οὐ πολλὴν ἀλλὰ ὀλίγην ἀπηρτῆσθαι οἱ μὲν κατὰ τοῦ μετώπου φασίν, οἱ δὲ κατὰ τῆς ὀσφύος, ἄλλοι γε μὴν κατὰ τοῦ αἰδοίου.

Deste modo, ao que parece, a localização da excrescência dos potros recém-nascidos seria também uma questão controversa.

Se passarmos agora a considerar a poesia latina, vemos, por exemplo, como na versão de Lucano (6.455-456), as intumescências que as feiticeiras da Tessália roubam às éguas estão cheias de líquido (*turgentia suco*). Esta mesma ideia é sugerida por Juvenal, em 6.616-617, ao recordar que Cesónia verteu (*infudit*) toda uma excrescência da frente de um potro recém-nascido sobre Calígula, fazendo-o assim perder a razão.

É interessante notar que nenhum destes passos menciona a palavra *hippomanes*, o que vem mais uma vez sublinhar a ideia de que estamos perante uma substância afrodisíaca sobejamente conhecida, pelo menos nesta sua versão de 'excrescência'.

O mesmo acontece na *Eneida*, quando Virgílio conta que o ritual protagonizado por Dido incluía um filtro de amor arrancado da frente do potro

<sup>8</sup> Esta versão ainda mais extravagante do 'hipómanes-excrescência' é actualmente repetida, vezes sem conta, pelos estudiosos modernos. Cf. Sérvio, *comm. ad Verg. A.* 4.516: *Merito suspicantur amorem creari ex carne, sine qua mater non alit ex se creatum.*

acabado de nascer, antes que a própria mãe o pudesse apanhar (4.515-516): ... *quaeritur et nascentis equi de fronte reuolsus / et matri praereptus amor.*

Vale ainda a pena recordar o trecho da *Arte de Amar* em que Ovídio recorre a uma perífrase para se referir ao hipómanes. Em 2.99-100, ao querer provar a inutilidade da magia, diz o poeta que se engana quem faz uso 'daquilo que arranca da frente de um jovem potro' (*quod a teneri fronte reuellit equi*).

Não obstante as ligeiras variantes de autor para autor, a realidade é que todos falam de uma saliência que, ao nascer, as crias dos cavalos têm na testa. Médicos veterinários e criadores de animais desconhecem por completo este fenómeno<sup>9</sup>, que, em boa verdade, a existir, seria estranhíssimo. Perante este cenário, apenas uma conclusão me é permitida: estamos, com toda a certeza, diante de uma crença generalizada, largamente difundida na antiguidade, que os poetas aproveitaram para converter em motivo literário.

Importará tentar perceber qual a origem dessa crença. A ciência veterinária moderna designa por 'hipómanes' um pequeno corpo de forma oval e de consistência mole que se encontra, com frequência, a flutuar no líquido amniótico que envolve o feto do cavalo<sup>10</sup>. Normalmente de cor escura, este volume resultante da agregação de sólidos<sup>11</sup> é expulso na altura do parto. Com base numa comunicação pessoal de um especialista em medicina veterinária, Tupet<sup>12</sup> argumenta convincentemente que, depois de expelido, o hipómanes pode colar-se a qualquer parte do corpo do recém-nascido<sup>13</sup>, e que o facto de, por vezes, ter sido encontrado sobre a frente do potro teria facilmente conduzido à crença de que se tratava de uma excrescência. Por outro lado, ao lamberem as crias logo após o seu nascimento, as éguas terão contribuído para fomentar a ideia de que se apressavam a devorar o hipómanes.

<sup>9</sup> Tive o cuidado de inquirir, sobre o assunto, dois veterinários e um criador de animais com larga experiência em reprodução de cavalos. Todos afirmaram, de modo peremptório, nunca terem visto tal extravagância fisiológica.

<sup>10</sup> Sobre a estranheza ainda hoje causada por este corpo, *uid.* em: <http://www.galopin-fr.net/poulain/hippomane.htm> (consultado em 30 de Maio de 2012) a interessante história do nascimento de um potro, relatada na primeira pessoa por alguém que se encarregou de ajudar uma das suas éguas no momento do parto.

<sup>11</sup> A composição exacta do hipómanes é um assunto controverso que se encontra tratado, por exemplo, num artigo de WRIGHT, B.; KENNEY, D., «Examining the mare's placenta and keeping foaling records», Ontario 2001 em: <http://www.omafra.gov.on.ca/english/livestock/horses/facts/placenta.htm> (consultado em 30 de Maio de 2012).

<sup>12</sup> TUPET, A. M., *lc.*, 81.

<sup>13</sup> Fenómeno que justificaria o passo de Eliano acima citado (o início de 14.18).

## 4. 'HIPÓMANES-SECREÇÃO'

Para além do hipómanes entendido como uma excrescência, o mesmo vocábulo designa ainda uma outra substância de origem animal, também ela utilizada nos rituais de magia amorosa.

Na mesma *História dos Animais*, Aristóteles afirma que algumas pessoas identificam ἵππομανές não com a substância que existe na fronte dos potros recém-nascidos, mas com o fluido genital produzido pelas éguas na altura do cio. Este líquido é, segundo ele, particularmente procurado pelas feiticeiras mas muito difícil de obter porque escorre em pequenas quantidades. Pela sua importância, aqui deixo a passagem em causa (572a19-29):

(...) ἐκβάλλουσί τι. καλοῦσι δὲ καὶ τοῦτο (...) ἵππομανές· ἔστι δ' οἶον ἢ καπρία, καὶ ζητοῦσι τοῦτο μάλιστα πάντων αἱ περὶ τὰς φαρμακείας. (...) καὶ καλοῦσι τοῦτό τινες ἵππομανές, ἀλλ' οὐ τὸ ἐπὶ τοῖς πώλοις ἐπιφύμενον· ἐργῶδες δ' εἶναι φασι λαβεῖν· κατὰ μικρὸν γὰρ ῥεῖν.

Decerto influenciados por este texto de Aristóteles, vários poetas latinos fazem uso da versão do hipómanes enquanto secreção da vulva das éguas.

Podemos começar por ouvir Virgílio que, em G. 3.280-281, a este respeito, diz: *hippomanes uero quod nomine dicunt pastores, lentum destillat ab inguine uirus*.

Também Ovídio mostra conhecer este sentido de hipómanes, ao deixar, na sua obra *Medicamina faciei femineae* (38), o seguinte conselho às mulheres do seu tempo: *nec temptate nocens uirus amantis equae*.

Tíbulo (2.4.58), perdido de amores por Némesis, confessa que, se a rapariga continuar a ignorá-lo, está disposto a beber os venenos mais poderosos, entre os quais destaca o hipómanes<sup>14</sup>, que descreve nos seguintes termos: *hippomanes cupidae stillat ab inguine equae*.

Por seu turno, Propércio (4.5.18) queixa-se de que uma feiticeira recolheu o hipómanes que escorre de uma égua prenhe (*hippomanes fetae semina legit equae*) para o usar contra si. Este verso é desconcertante, pois seria de esperar que a fêmea estivesse na época do cio e não já fecundada. Sobre a estranheza destas palavras de Propércio, diz avisadamente Tupet<sup>15</sup>:

«... le rapprochement de ces termes, *semina* et *fetae equae* (...) amène à une définition de l'hippomane inconnue par ailleus. Ou bien Properce ignore la nature exacte de cette substance - ce qui est difficilement admissible - ou bien il emploie délibérément dans un dessein poétique des termes inhabituels et impropres, ou bien il existait d'autres sécrétions

<sup>14</sup> Sobre o hipómanes visto como veneno, *uid.* as várias interpretações possíveis reunidas por TUPET, A. M., *l.c.*, 345-346.

<sup>15</sup> TUPET, A. M., *l.c.*, 377.

de la jument qui portaient aussi ce nom et avaient les mêmes propriétés, mais dont les autres auteurs ne font pas mention».

## 5. CONCLUSÃO

Apresentados e discutidos –num plano forçosamente hipotético– os vários sentidos com que a palavra ‘hipómanes’ vai aparecendo ao longo da literatura greco-latina, importa esclarecer que os exemplos não estão esgotados e que haveria outros passos igualmente dignos de nota. Creio, no entanto, que os testemunhos aqui reunidos são já bastante elucidativos do destaque que ‘a substância que leva os cavalos à loucura’ mereceu no contexto da magia erótica literária e do pouco consenso existente à volta do seu significado.

Ausente dos papiros mágicos conservados, o hipómanes é, paradoxalmente, na voz dos muitos autores antigos que abordaram temas de magia, o filtro de amor por excelência. E este poderoso motivo literário, nas suas diversas acepções, estaria tão amplamente divulgado que os poetas podiam até substituir o termo ‘hipómanes’ por outros nomes e, ainda assim, serem entendidos. Foi esta contextura que permitiu a criação de autênticas pérolas poéticas, de que é exemplo *hinnientium dulcedines*<sup>16</sup>.

---

<sup>16</sup> Apuleio (*Apol.* 30) dá-nos a conhecer um passo do poeta Lévio que consiste numa enumeração de filtros amorosos, entre os quais se encontra *hinnientium dulcedines*.